

CDD: 418.2

## **TRADUÇÃO COMENTADA DOS TRÊS PRIMEIROS CAPÍTULOS DO *TETRABIBLOS* DE PTOLOMEU**

### **MARCUS REIS PINHEIRO**

*Departamento de Filosofia*  
*Universidade Federal Fluminense, UFF*  
*Niterói, RJ, Brasil*  
marcusreis@superig.com.br

### **CRISTINA DE AMORIM MACHADO**

*Departamento de Fundamentos da Educação*  
*Universidade Estadual de Maringá, UEM*  
*Maringá, PR, Brasil*  
cristina\_machado@yahoo.com

**Resumo:** Apresenta-se uma tradução comentada dos três primeiros capítulos do livro I do *Tetrabiblos*, escrito no séc. II EC por Claudius Ptolomeu. Trata-se da primeira tradução para o português feita diretamente a partir de uma seleção de manuscritos gregos.

**Palavras chave:** Ptolomeu, *Tetrabiblos*, astrologia.

## **ANNOTATED TRANSLATION OF THE FIRST THREE CHAPTERS OF PTOLEMY'S *TETRABIBLOS***

**Abstract:** An annotated translation is presented of the first three chapters of book I of the *Tetrabiblos*, written in the 2nd century CE by Claudius Ptolemy. This is the first translation in Portuguese made directly from a selection of Greek manuscripts.

**Key words:** Ptolomy, *Tetrabiblos*, astrology.

Assim como nas grandes promessas, também nas divinas convém saudar o possível e considerá-lo desejável. Nem se poderia exigir tudo dessa ciência, de modo mesquinho e humano, mas sim juntar-se a ela no amor pela beleza, mesmo naquelas situações em que ela não responde tudo. (PTOLOMEU, *Tetrabiblos*, livro I, cap. II, p. 9)

Se ela não contribui para obter dinheiro, fama e coisas desse tipo, pode-se dizer o mesmo de toda a filosofia, pois ela também não produz nada disso por si mesma. (PTOLOMEU, *Tetrabiblos*, livro I, cap. III, p. 10)

O texto que se segue é uma tradução comentada dos três primeiros capítulos do livro I do *Tetrabiblos*<sup>1</sup>, escrito em grego helenístico no séc. II EC pelo astrônomo greco-egípcio Claudius Ptolomeu, cidadão romano habitante de Alexandria (c. 100 – c. 170 EC). Esta é a primeira tradução para o português feita diretamente de uma seleção de manuscritos gregos (há duas outras traduções, mas feitas a partir de outras traduções).<sup>2</sup>

---

<sup>1</sup> Este nome designa apenas a estrutura geral do livro, composto por quatro livros (*tetra-biblos*). Sobre o título do livro, cf. as primeiras notas da presente tradução.

<sup>2</sup> Contamos atualmente com diversos manuscritos do *Tetrabiblos*, que produziram as mais diversas edições e traduções (cf. PTOLOMEU, 2001). Só para se ter uma ideia, nos dois últimos séculos se produziram pelo menos as seguintes: três edições críticas (Hübner, 1998, grego – atualização de Boll & Boer – edição padrão; Boll & Boer, 1940, grego; Robbins, 1940, grego-inglês); cinco traduções de edições críticas (Feraboli, 1989, de Boll & Boer, grego-italiano; Aujac, 1993, de Boll & Boer, francês; Schmidt, 1994-8, de Boll & Boer/Hübner, inglês; Sadalsuud, s/d, de Robbins, português); e sete outras traduções feitas das mais diversas fontes (Santos, 1987, texto em espanhol estabelecido a partir da versão latina de Ali ibn Ridwan; Vorsatz, 1994, inédito, texto em português estabelecido a partir da versão espanhola de Santos; Verse, 1993, texto em francês estabelecido a partir da versão francesa de Nicolas Bourdin; Barbault, 1986, texto em francês estabelecido a partir da versão francesa de Bourdin; e Ashmand, 1822, texto em inglês estabelecido a partir do manuscrito grego da *Paráfrase* de Proclo ao *Tetrabiblos*). Isso sem contar mais duas versões em alemão

Muito menos famoso atualmente do que seu livro-irmão, o *Almagesto*<sup>3</sup>, e possuindo igualmente menor prestígio nos meios acadêmicos, o *Tetrabiblos* foi considerado durante mais de um milênio como um dos livros mais importantes sobre as ciências cosmológicas. Trata-se do manual de astrologia mais traduzido e de maior importância histórica ao longo desses dois mil anos desde sua composição.<sup>4</sup> Como logo se vê nas primeiras linhas, se o *Almagesto* lida com as posições dos astros e suas relações mútuas e com a terra, o *Tetrabiblos* lida com a qualidade das transformações operadas no ambiente terrestre, que pode ser indicada a partir dessas posições dos astros.

O esquema básico dos quatro livros é claro: Ptolomeu descreve a astrologia, ou “uma das ciências que fornecem prognóstico pelo emprego da astronomia”, sempre indo daquilo que é mais universal até o que é mais singular. No livro I, são apresentados os elementos técnicos essenciais da astrologia; em seguida, o livro II trata de meteorologia e de uma “etnografia astrológica”, o que hoje se costuma chamar de “astrologia mundial”, isto é, de prognóstico astrológico sobre países e regiões. O livro III se volta para o ser humano e trata de dados primários da nossa vida (Ptolomeu usa o termo “aptidões originárias”), como pais, irmãos, duração da vida etc. O livro IV, por sua vez, trata de fatos secundários e externos (denominados “afecções ocasionais”), como fortuna material, casamento, filhos etc.<sup>5</sup>

---

(Winkel, 1923; Pfaff, 1822-3) e uma em inglês (Hughes, 1820) às quais não tivemos acesso, mas que sabemos que se originam, respectivamente, da versão latina de Melanchton e do manuscrito grego da *Paráfrase*.

<sup>3</sup> Não há nenhuma tradução do *Almagesto* para o português, mas, em inglês, a tradução comentada de Gerald Toomer (PTOLOMEU, 1998) é hoje considerada padrão.

<sup>4</sup> Sobre a história de suas traduções, cf. MACHADO (2012).

<sup>5</sup> Cf. p. 9 da nossa tradução. As páginas indicadas na presente tradução seguem a da 2ª edição de Camerarius (Cam2), de 1553.

A presente tradução se volta apenas para os três primeiros capítulos do livro I, que desenvolvem investigações meta-astrológicas, ou de uma possível “filosofia da astrologia”. O primeiro capítulo é uma breve introdução; o segundo apresenta os argumentos que indicam a *possibilidade* de prognósticos por meio dos astros; e o terceiro capítulo apresenta e discute as *utilidades* deste prognóstico.<sup>6</sup>

---

<sup>6</sup> Este trabalho fez parte de um projeto encerrado no final de 2012, que se intitulava “Cosmologia e Ética no Helenismo: Ptolomeu e suas influências”, vinculado ao grupo de pesquisa do Núcleo de Filosofia Antiga da UFF. Os autores também escreveram um livro (no prelo) sobre Ptolomeu que abrange a apresentação desta tradução e do original grego, além de incluir três tipos de pesquisas: (1) O contexto histórico do *Tetrabiblos*, especialmente aquele em relação aos outros tratados astrológicos da época (como Manilius, Vettius Valens, Dorotheus de Sidon e, um pouco mais tarde, Firmicus Maternus); (2) As diversas cosmologias e seus debates na época, especialmente as influências filosóficas que Ptolomeu certamente sofreu, especialmente de Aristóteles e dos estoicos (como se pode constatar nas notas da tradução), e as que provavelmente exerceu, como supomos nas análises de Plotino sobre a astrologia; e (3) A história das diversas traduções deste tratado ao longo dos anos, como no mundo árabe e posteriormente na Europa dos descobrimentos.

Ademais, os autores gostariam de agradecer aos financiamentos recebidos para a execução deste projeto: primeiro em 2009, com a bolsa Jovem Pesquisador, da Propri da Universidade Federal Fluminense; e depois com o Edital Universal 14/2010 da Comissão Nacional de Pesquisas (CNPq). Ainda devemos agradecer à excelente revisão da tradução do prof. Flávio Ribeiro de Oliveira (IEL/Unicamp) e ao paciente cotejo dos originais gregos disponíveis nas duas edições críticas, feito por Edil Carvalho, mestrando do IFCS/UFRJ.

## Tratado matemático<sup>7</sup> em quatro livros de Claudius Ptolomeu Tetrabiblos<sup>8</sup> – Livro 1

### 1. Proêmio

Cam.2 Das ciências<sup>9</sup> que fornecem prognóstico pelo emprego da astronomia, ó Syros<sup>10</sup>, duas<sup>11</sup> têm mais importância e autoridade<sup>12</sup>.

---

<sup>7</sup> Optamos aqui por uma tradução literal – tratado matemático –, apesar de ser este, num sentido estrito, um tratado sobre astrologia. No entanto, na Antiguidade e até o Renascimento, havia um amálgama entre astrologia e astronomia, sendo esse amálgama considerado uma das matemáticas, bem como a geometria, a aritmética e a música. No *Pros mathematikous* (livro V), por exemplo, Sexto Empírico, que é quase contemporâneo de Ptolomeu, usa o termo *he mathematike* para se referir a qualquer ciência, às matemáticas ou, mais especificamente, à astrologia.

<sup>8</sup> A rigor, o título do livro é *Tetrábiblos*, com acento no “a”, mas é como *Tetrabiblos* que ele é conhecido pelos seus leitores, sendo também chamado pelo seu nome latino, *Quadripartitum*. O título alternativo é *Apotelesmátika*, que se encontra em outra tradição de manuscritos.

<sup>9</sup> A palavra “ciência” não aparece no texto em grego, mas julgamos estar implícita na frase como um todo. Pode soar anacrônico o uso dos termos “ciência” e “científico” no contexto alexandrino, dado que no mundo antigo nunca houve uma distinção clara entre ciência e religião, como se busca atualmente; no entanto reservemo-nos o direito de usar esse termo num sentido lato, abarcando inclusive o impulso científico de pensamento abstrato, análise, dedução e pesquisa (BARTON, 1994, p. 31). Também não se trata aqui de um compromisso com a noção positivista de ciência, entendida como o auge da razão e do progresso humanos. Trata-se apenas de uma escolha tradutória que se baseia no entendimento de que, para Ptolomeu, que reflete concepções filosóficas do seu tempo, a astrologia é um estudo científico porque operaria segundo leis naturais, e não uma teologia ou arte mística. Além disso, Ptolomeu “estabelece um fundamento científico para a astrologia: cria os conceitos básicos do seu sistema de astrologia, elabora os detalhes desse sistema, tentando unificar os diversos fenômenos do cosmos de acordo com esse conjunto de conceitos” (RILEY, 1988, p. 67-8).

p. 1 Por meio de uma delas, primeira em ordem<sup>13</sup> e poder<sup>14</sup>, compreendemos as configurações<sup>15</sup> usuais dos movimentos do Sol, da Lua e dos astros em relação uns com os outros e com a Terra. Por meio da segunda, investigamos as transformações concretizadas no

---

<sup>10</sup> Na introdução da sua edição crítica do *Tetrabiblos*, ROBBINS (2001, p. x) informa que não se sabe quem foi Syros, para quem outros trabalhos também foram dedicados, como o *Almagesto*. Para alguns comentadores, é um nome fictício, para outros, um médico-astrólogo contemporâneo de Ptolomeu, e ainda há os que o consideram um provável patrocinador da obra ptolomaica.

<sup>11</sup> Nesta passagem, temos a impressão de que há mais de dois estudos ou formas de prognóstico por meio da astronomia.

<sup>12</sup> O termo grego κυριώτατος aparece em Aristóteles no sentido de “autoridade”.

<sup>13</sup> É primeira em ordem por sua autonomia, já que a astronomia pode existir sem a astrologia, apesar de não ter tanta utilidade sozinha, como ele afirma mais adiante, ao contrário da astrologia, que depende da astronomia, não sendo autônoma.

<sup>14</sup> Optamos por traduzir o termo grego δύναμις por “poder”, mais semelhante à tradução inglesa de J. M. Ashmand da *Paráfrase* (PTOLOMEU, 1976 [1822], p. 1), onde aparece *power*, em vez de *effectiveness*, *certitude* ou “eficácia”, como encontramos respectivamente nas traduções de Robbins (PTOLOMEU, 2001 [1940], p. 3), Barbault (PTOLOMEU, 1986, p. 29) e da editora portuguesa Sadalsuud (PTOLOMEU, s/d, p. 1), por entendermos que essas últimas escolhas refletem um compromisso cientificista que aqui não temos. Trata-se de ressaltar o poder global da astronomia, sobretudo em relação à sua autonomia, e não destacar a sua superioridade científica ou moral em relação à astrologia.

<sup>15</sup> Ainda não usamos aqui a tradução “aspecto” para σχηματισμός, para que não haja confusão com o conceito de aspecto da teoria astrológica, que ainda será apresentado por Ptolomeu ao longo do Livro 1. Por isso optamos pela tradução “configuração” no sentido de uma categoria mais geral, pois o aspecto é uma configuração, um esquema visual. Interessante notar as diferentes escolhas encontradas nas traduções desse termo. No francês de Barbault, por exemplo, encontramos *regard* (p. 29), que se aproxima de um entendimento de aspecto como o “olhar” de um planeta (COSTA, 2005, p. 90-1, 203-6).

ambiente<sup>16</sup> terrestre e na atmosfera, através da particularidade natural das próprias configurações.<sup>17</sup>

A primeira ciência tem a sua própria teoria, que é desejável por si, apesar de não ter a mesma eficácia que teria se estivesse combinada com a segunda. Essa ciência foi apresentada para ti, de maneira apodítica<sup>18</sup> e da melhor forma possível no seu próprio tratado<sup>19</sup>. Sobre a segunda ciência, que não é tão autônoma<sup>20</sup>, faremos agora

---

<sup>16</sup> Apesar de esta passagem conter a palavra ἐμπεριεχομένων (ambiente à sua volta), usaremos com cuidado a expressão ambiente (περιέχων) em nossa tradução, considerando-se a diferença que há entre ambiente celeste (supralunar) e ambiente terrestre e a sua atmosfera (sublunar). Uma das distinções importantes a serem feitas é de um céu sublunar e outro supralunar. Usaremos o termo “atmosférico” para tratar dos ventos e do espaço que há sublunarmente, e deixaremos o termo “ambiente” para preservar a ambiguidade do texto grego, quando ele se referir ao ambiente supralunar ou sublunar. O termo μετέωρος (suspenso no meio do ar, em cima, elevado, alto, coisas do céu, corpos celestes) também é usado em alguns momentos, num desses dois sentidos de ambiente, aumentando a confusão terminológica. Tentaremos, na medida do possível, explicitar essas passagens.

<sup>17</sup> Apesar de Ptolomeu não mencionar o termo “astrologia”, esta passagem normalmente é entendida como a distinção clássica entre astronomia e astrologia. Em outras palavras, poderíamos dizer que a astronomia é definida, nesse momento, como a ciência que trata dos movimentos dos corpos celestes, e a astrologia como a ciência que trata das mudanças que os corpos celestes provocam nas coisas terrenas.

<sup>18</sup> Outro termo tipicamente aristotélico, que significa “demonstração”, “de maneira demonstrativa”: ἀποδεικτικῶς.

<sup>19</sup> Referência à sua obra astronômica, o *Almagesto*, cujo título é uma corruptela do árabe *Al majisti* (em grego, Μαθηματικῆς συντάξεως, μεγίστη συντάξεως ou μεγάλη συντάξεως).

<sup>20</sup> O termo grego αὐτοτελής é muito usado por Aristóteles ao definir a hierarquia das ciências. Uma das passagens mais famosas encontra-se na *Metafísica* (1025b25), na qual é exposta a questão da maior autonomia das ciências especulativas, que têm um fim em si mesmas, não oferecendo nenhuma aplicação prática, sobre as ciências ou artes

uma exposição de acordo com o modo filosófico<sup>21</sup>. Dessa maneira, alguém que tenha sobretudo um compromisso com a verdade não compararia a apreensão<sup>22</sup> da segunda ciência com a segurança da primeira, que sempre mantém a constância dos seus resultados, e atribuiria à segunda ciência a fraqueza e a obscuridade da qualidade material presente na multiplicidade das coisas.<sup>23</sup>

- p. 2 Em segundo lugar, essa mesma pessoa também não se absteria da investigação possível, já que é tão evidente que a causa<sup>24</sup> da maioria dos eventos gerais é esclarecida a partir do ambiente.<sup>25</sup>

---

práticas e produtivas. Esse assunto também aparece na *Política* (1325b20) e no primeiro livro da *Ética a Nicômaco*, entre outros.

<sup>21</sup> Interessante notar a preocupação em enquadrar esse estudo no “modo filosófico”, em contraste com outras obras da época, que eram apresentadas na forma de versos ou manuais práticos, como Vettius Valens, Marcus Manilius e Dorotheus de Sidon.

<sup>22</sup> Termo muito usado pelos estoicos – *κατάληψις* –, que significa uma apreensão certa do que é a realidade, como se houvesse uma total adequação entre o objeto apreendido e a impressão material na alma que representa tal objeto. Os dois textos fundamentais de citações dos estoicos são LONG & SEDLEY (1987) e VON ARNIM (1964). A passagem de Long & Sedley que fala sobre conhecimento nos estoicos antigos começa na p. 236. Outro termo estoico que Ptolomeu vai usar mais adiante é o seu antônimo *ακαταληψία*.

<sup>23</sup> Confronte-se tal modo de qualificar as duas ciências com o Livro 1 da *Ética a Nicômaco*, de ARISTÓTELES (1985), em que uma distinção parecida é feita: cada ciência tem sua precisão, por isso são incomparáveis. Cf. I, 3, 1094b12-23: “Nossa discussão será adequada se tiver a clareza compatível com o assunto, pois não se pode aspirar à mesma precisão em todas as discussões, da mesma forma que não se pode atingi-la em toda a profissões. [...] Os homens instruídos se caracterizam por buscar a precisão em cada classe de coisas somente até onde a natureza do assunto permite, da mesma forma que é insensato aceitar raciocínios apenas prováveis de um matemático e exigir de um orador demonstrações rigorosas.”

<sup>24</sup> Em grego, *αἰτία*. Termo técnico em Aristóteles que está intimamente ligado à sua noção de ciência, semelhante à que percebemos em Ptolomeu.



Sobre as duas apreensões mencionadas, já que, para a maioria das pessoas, tudo o que é difícil de alcançar tem uma natureza que é facilmente exposta à difamação, em relação à primeira, as difamações só poderiam ser feitas por cegos, mas as da segunda têm motivações bem plausíveis. Isto porque a dificuldade de teorizar algumas partes dessa ciência produziu a sua fama de ser completamente inapreensível, ou porque a dificuldade de evitar<sup>26</sup> o que foi conhecido (por seu intermédio) desqualificou também, como inútil, o seu resultado.<sup>27</sup>

---

<sup>25</sup> Aqui Ptolomeu explicita a sua adesão à cosmologia aristotélica, afirmando a diferença ontológica entre os mundos supralunar e sublunar. O mundo supralunar é onde se encontram os corpos celestes, que são imutáveis e incorruptíveis. Seus movimentos, que podem ser previstos pela astronomia, são regulares, perfeitos, eternos e circulares. O mundo sublunar é o mundo terrestre, cujos objetos materiais estão sempre submetidos a mudanças imprevisíveis, ao devir e à corrupção. O mundo celeste governa o mundo terrestre (ÉVORA, 2005).

<sup>26</sup> Na tradução da *Paráfrase* (PTOLOMEU, 1976), a interpretação dessa passagem é diferente, aproximando-se mais da ideia de memória, ou seja, a dificuldade de reter na memória o conhecimento astrológico é que inutilizaria a sua finalidade. Esse assunto será tratado a seguir, esclarecendo melhor a questão da utilidade da astrologia e corroborando a nossa interpretação.

<sup>27</sup> Dentre os detratores da astrologia nesse período, destaca-se CÍCERO (2004 [44 AEC]), sobretudo no seu *De divinatione*, e suas críticas são tratadas nos primeiros capítulos do *Tetrabiblos*. A maioria delas diz respeito ao determinismo astrológico e à utilidade desse tipo de prognóstico; porém, como veremos em seguida, o tipo de astrologia que Ptolomeu preconiza não é fatalista, já que há limitações em seus prognósticos. No entanto, defende a sua utilidade nos mesmos termos em que defende a filosofia. No início do capítulo 3, Ptolomeu diz: “Se ela não contribui para obter dinheiro, fama e coisas desse tipo, pode-se dizer o mesmo de toda a filosofia, pois ela também não produz nada disso por si mesma.” Sobre as críticas de Cícero à astrologia, cf. FERRONI (2007) e LONG (1982).

Tentaremos investigar, de maneira resumida, antes da instrução de cada uma de suas partes, a medida da possibilidade e da utilidade desse tipo de prognóstico. Em primeiro lugar, a possibilidade.<sup>28</sup>

## 2. Que o conhecimento por meio da astronomia é apreensível e até que ponto

Pode mostrar-se muito claramente para todos – e isso com poucos argumentos – o fato de que, a partir da natureza eterna do éter, certa potência é distribuída e alcança toda a atmosfera, que é inteiramente mutável: os primeiros elementos sublunares – fogo e ar – são abarcados e deslocados pelos movimentos do éter; ademais, abarcam e também deslocam todo o resto – terra e água, além das plantas e animais que nelas se encontram.<sup>29</sup>

p. 3 Isso ocorre porque o Sol, em parceria com o circundante, sempre

---

<sup>28</sup> O capítulo 2 tratará da possibilidade, e o 3, da utilidade.

<sup>29</sup> Trata-se aqui de uma citação quase literal do sistema aristotélico, cuja divisão básica entre os mundos supralunar e sublunar (ὑπὸ τῆν σελήνῃν) forma uma hierarquia de causa de movimento do primeiro em relação ao segundo. O éter (αἰθερώδους) é o quinto elemento, e ele isoladamente compõe o mundo supralunar (a rigor, o termo em grego é um adjetivo, que seria literalmente traduzido por “etéreo”, mas entendemos que, em português, esse termo perde a conotação técnica). Os outros quatro – fogo, terra, ar e água – compõem o mundo sublunar, sendo que o fogo e o ar tendem naturalmente a subir, e a terra e a água, a descer. O modo como uma esfera influencia a outra é controverso, especialmente pelo fato de o éter ser explicitamente um elemento que não é nem quente nem luminoso. Um dos melhores textos a analisar o problema é o *Meteorológica* I, 3 e 4. O que se pode concluir deste texto é que, a partir do movimento do éter, por atrito, o fogo (ou o material ígneo) imediatamente abaixo do éter, incandesce, gerando o calor e a luz que percebemos, assim como o movimento entre os elementos sublunares. Um artigo que detalha os problemas é THORP (1982). A cosmologia de Aristóteles é descrita em diversos textos, especialmente em *Física*, *Do céu*, *Da geração e da corrupção* e *Meteorológica*. Cf. *Do céu* II, 10.

organiza de algum modo todas as coisas na superfície da Terra, não somente pelas modificações decorrentes das estações do ano, que propiciam a geração dos animais, a frutificação das plantas, o fluxo das águas e as transformações dos corpos; mas também, pelos seus movimentos diários circulares<sup>30</sup>, ele esquentam, umidifica, seca e esfria regularmente, seguindo<sup>31</sup> as configurações equivalentes que ocorrem no zênite.<sup>32</sup>

A Lua, por ser o astro mais próximo, distribui sobre a Terra o máximo de seu efluxo<sup>33</sup>, pois a maioria das coisas animadas e

---

<sup>30</sup> Aqui ele se refere aos efeitos dos movimentos de rotação e translação do Sol, que definem, respectivamente, o dia e o ano terrestres.

<sup>31</sup> Este termo, ἀκολουθως, derivado do substantivo ἀκολουθία, que significa encadeamento causal, foi usado por Platão e Aristóteles, entre outros, mas com os estoicos ganhou outra conotação, sendo um conceito central nas suas argumentações sobre o determinismo cósmico e a noção de destino. Encontramos em Ptolomeu esse termo e algumas variações com o mesmo sentido, como é o caso de παρακολουθεῖν e ἐπακολουθήσις.

<sup>32</sup> O termo “zênite” a rigor não se encontra nesse contexto. Em grego, o termo usado é κορυφήν ἡμῶν, “o nosso topo”.

<sup>33</sup> Efluxo, emanação e influência são traduções comuns para o termo ἀπόρροια, que tem um sentido de proveniência, de algo que se desprende de uma origem. Entendemos que se trata aqui de uma posição derivada da física aristotélica, tendo em vista que Ptolomeu menciona a proximidade Lua-Terra. Dessa maneira, escolhemos o termo efluxo, por acreditarmos que ele reflete melhor o sentido mencionado. Emanação e influência também seriam boas escolhas, não fosse a ambiguidade física/metafísica que elas implicam, como se vê na ampla utilização da tradição neoplatônica desse termo como forma de descrever a geração de todas as realidades. Nesse caso, restariam as seguintes perguntas. Afinal, há algo físico que emana da Lua, do Sol e dos planetas, e atinge a Terra, causando a geração e a corrupção dos seres na sua superfície, à revelia do homem, a quem cabe apenas interpretar um encadeamento causal? Ou trata-se de uma emanação (ou influência) metafísica, algo que decerto depende da capacidade humana de ler sinais, indícios e símbolos, mas principalmente da sua capacidade de constituir sentido, criar mundos, ou seja, basear sua concepção

inanimadas está em sintonia<sup>34</sup> com a Lua e se modifica de acordo com ela. Os rios aumentam e reduzem seus fluxos devido à sua luminosidade; as marés<sup>35</sup> são modificadas conforme seus nascimentos e ocaso; as plantas e os animais tornam-se maiores ou menores, totalmente ou em parte, em consonância com ela.

As passagens das estrelas fixas e errantes produzem a maioria das manifestações do ambiente – calor, vento, neve –, por meio das quais as coisas sobre a Terra também são organizadas da maneira conveniente. Além disso, as configurações dos astros uns em relação aos outros – aspectos<sup>36</sup> – operam muitas e complexas trans-

de influência cósmica numa visão metafísica, algo como (em termos anacrônicos) uma construção cultural? Importante registrar que essa tensão entre uma concepção de astrologia física e metafísica é algo que só se torna problema a partir dos séculos XVIII e XIX, posto que, até Newton, ainda se sustentava uma cosmologia aristotélica, que se baseava na distinção entre mundo superior e mundo inferior. A partir de Newton, a ideia de que céu e terra são constituídos da mesma matéria desacredita a diferença ontológica até então aceita, ficando difícil sustentar as premissas de uma astrologia como teoria de influências celestes (Carolino, 2003). Vale lembrar que em Plotino (*Enéadas* II, 3), por exemplo, essas duas concepções (física e metafísica) não se excluem.

<sup>34</sup> Termo muito usado pelos estoicos, συμπαθῆω, que pode ser entendido no sentido de ser semelhante, estar em consonância ou concordância, ter familiaridade, até mesmo ser simpático, se entendido dentro dessa rede semântica. Apesar de soar estranha essa última possibilidade aos nossos ouvidos contemporâneos, é muito vivo ainda o uso do termo “simpatia” com esse sentido em práticas populares, mágicas ou religiosas, como é o caso da expressão “fazer uma simpatia”. Ainda sobre as noções de semelhança no pensamento antigo e da sua derrocada na modernidade, cf. FOUCAULT (2000, p. 10-29). Sobre a noção de simpatia nos estoicos, cf. REINHARDT (1926). Sobre cosmologia em geral nos estoicos, cf. WHITE (2003).

<sup>35</sup> O termo “maré” a rigor não se encontra nesse contexto. Em grego, o termo usado aqui é ὄρμη, que significa “impulso”.

<sup>36</sup> Cf. nota 15 sobre o termo σχηματισμός.

formações, sendo as distribuições de seus efeitos de algum modo reunidas e misturadas.

Por um lado, o poder do Sol é o mais forte em relação à ordem geral da qualidade;<sup>37</sup> por outro, os astros restantes colaboram ou se opõem no que diz respeito às coisas particulares.

- p. 4 A Lua colabora ou se opõe mais óbvia e continuamente, como nas fases nova, cheia e nos quartos; e as estrelas, em períodos maiores e de maneira mais obscura, como nos momentos em que aparecem, se ocultam e se aproximam.

Ao contemplar<sup>38</sup> as coisas dessa maneira, a todos pareceria uma consequência necessária que não somente aquilo que já está formado é de algum modo organizado pelo movimento dos astros, mas também que as germinações e o desenvolvimento das “sementes”<sup>39</sup> são plasmados e ganham forma de acordo com a qualidade própria ao ambiente de então.

Com base nos ventos que ocorrem nas fertilizações e sementeiras, os agricultores e pastores mais observadores conjecturam<sup>40</sup> sobre a qualidade do que vai acontecer. Grosso modo, percebemos que os

---

<sup>37</sup> O termo ποιότης é de uso geral na literatura grega, mas em Aristóteles, notadamente em *As categorias*, 8b26, constitui um termo técnico específico, que significa “qualidade”, uma das categorias do sistema aristotélico.

<sup>38</sup> Em grego, θεωρουμένων, de θεωρία, que, a partir de Platão, ganha sentido filosófico: a contemplação é o ato de conhecer o inteligível. Esse termo é ainda mais frequente em Aristóteles, que transforma a θεωρία num ato de contemplação dos princípios primeiros.

<sup>39</sup> Trata-se aqui do termo σπέρμα que, mesmo tendo seu correlato em português (esperma), tem o seu sentido mais amplo, significando toda e qualquer semente, tanto de plantas quanto de animais.

<sup>40</sup> Em grego, στοχάζονται, de στόχος (conjectura).

eventos mais gerais são indicados<sup>41</sup> pelas configurações mais evidentes do Sol, da Lua e das estrelas, e costumam ser conhecidos antecipadamente até mesmo por aqueles que investigam não de maneira científica, mas apenas por observação. Eventos como as variações anuais das estações e dos ventos, que provêm de forças maiores e de ordens mais simples, são previstos não somente pelos muito ignorantes, mas também por alguns animais irracionais: pois, desses eventos, o sol é de modo geral a causa.

- p. 5 Os eventos menos gerais são conhecidos antecipadamente pelos que, por necessidade, já estão acostumados às observações. Os navegantes, por exemplo, conhecem os sinais das tempestades e dos ventos, que ocorrem de acordo com uma periodicidade subordinada às configurações da Lua e das estrelas fixas em relação ao Sol. No entanto eles erram muitas vezes, já que, por inexperiência, não podem apreender com precisão o tempo e o lugar dessas mesmas configurações, tampouco os períodos das estrelas errantes, que contribuem muito para esses eventos.

O que impede um homem que pesquisa acuradamente os movimentos de todos os astros, do Sol e da Lua, de modo que não lhe escape nenhuma das configurações, nem o lugar nem o tempo, de poder dizer, em cada uma das ocasiões dadas, o que é próprio da qualidade?<sup>42</sup> E se esse homem discernir, com base em um estudo prévio contínuo, as naturezas dos astros em geral, mesmo se não conhecer o seu substrato propriamente dito, mas as suas

---

<sup>41</sup> Em grego, ἐπισημαινόμενα (de ἐπισημαίνω), que significa sintoma, significado, algo que se manifesta física ou simbolicamente.

<sup>42</sup> Nesta passagem – que no original é uma única pergunta de 23 linhas que optamos por desmembrar para obter mais clareza –, Ptolomeu argumenta com base nas premissas anteriormente apresentadas e de acordo com o senso comum, que é possível fazer uma ciência dessas “intuições” apresentadas, demonstrando definitivamente a sua possibilidade.

potencialidades produtivas, assim como a do Sol, que esquenta, a da Lua, que esfria, e igualmente a dos astros restantes? Sendo ele capaz de determinar tanto cientificamente como por conjectura, diante de tais coisas, o caráter particular da qualidade resultante da mistura de todas as coisas,<sup>43</sup> o que impediria esse homem de poder dizer, em cada uma das ocasiões dadas, a particularidade do ambiente com base no estado momentâneo dos fenômenos, como o que será mais quente ou mais frio?

- p. 6 O que impediria esse pesquisador cuidadoso de compreender também a qualidade geral da idiossincrasia de cada um dos homens (por exemplo, qual é o seu tipo de corpo e qual é o seu tipo de alma), com base no seu ambiente de nascimento?<sup>44</sup> E de compreender também os eventos de cada momento, tendo em vista que, por um lado, um tipo de ambiente é proporcional a um tipo de temperamento e pode contribuir para a saúde, e, por outro lado, outro tipo de ambiente é desproporcional e contribui para a adversidade? Portanto, através desses e de semelhantes argumentos, pode-se compreender que esse tipo de conhecimento<sup>45</sup> é possível.

Até se compreende que a crítica a seguir sobre a sua impossibilidade

---

<sup>43</sup> Entenda-se “mistura” (em grego, σύγκρασις) como a já mencionada combinação das distribuições dos efeitos das configurações dos corpos celestes. Quando isso se referir especificamente aos efeitos no homem, traduziremos como “temperamento”, já que a ideia de temperamento também tem esse sentido de conjugação de elementos fisiológicos e psicológicos de uma pessoa.

<sup>44</sup> Aqui pela primeira vez Ptolomeu menciona o homem, incluindo a sua dimensão anímica, como parte da natureza e, portanto, assim como ela, objeto também do prognóstico astrológico.

<sup>45</sup> Até aqui, usamos o termo apreensão para traduzir κατάληψις (cf. nota 22), mas, neste trecho, por motivos de clareza, optamos pela solução “conhecimento”, tendo em vista que a palavra “apreensão” hoje não está associada a um tipo de conhecimento considerado científico, como era o caso da astrologia de então.

seja plausível, todavia não é adequada. Em primeiro lugar, os numerosos erros dos que não entendem muito bem essa prática, como é o caso de qualquer teoria grande e com muitas facetas, produziram a opinião de que até mesmo as afirmações que se mostram verdadeiras o são por acaso, mas isso é incorreto. Tal argumento é sobre a incapacidade não da ciência, mas dos que a praticam. Em segundo lugar, a maioria, para obter lucro, julga digno confiar em outra técnica usando o nome desta e, por um lado, engana os leigos, porque parece prever muitas coisas, até mesmo aquelas que por natureza não podem ser objeto de prognóstico.<sup>46</sup> Por outro lado, em razão disso, dão oportunidade aos mais esclarecidos de criticar igualmente até aquelas coisas que podem ser previstas por natureza. Mas isso não é necessário. Nem se deve suprimir a filosofia dessa forma, mesmo que seus praticantes se mostrem vis.<sup>47</sup>

- p. 7 Mas é claro que, mesmo que se aproxime da forma mais investigativa e nobre possível das matemáticas<sup>48</sup>, alguém pode se enganar amiúde não por causa do que agora foi dito, mas por causa da própria natureza dessa ciência e da debilidade de quem a pratica em comparação com a grandeza da profissão.

Pois toda ciência que se volta para a qualidade<sup>49</sup> da matéria é conjectural<sup>50</sup>, não podendo ser sustentada categoricamente,

---

<sup>46</sup> A partir daqui fica bem claro que Ptolomeu não defende um determinismo astrológico absoluto. Para ele, há coisas que, por natureza, não são da alçada dessa ciência, como veremos mais adiante (cf. nota 52).

<sup>47</sup> Cf. Platão, *República*, 495c, em que ele apresenta argumentos semelhantes.

<sup>48</sup> Cf. nota 7. O plural neste caso é um pouco ambíguo, pois pode querer dizer ciência em geral e não sublinhar o seu caráter plural. Mas preferimos usar dessa maneira porque, no primeiro parágrafo, Ptolomeu menciona duas ou mais ciências.

<sup>49</sup> Aqui Ptolomeu retoma o assunto tratado na primeira página sobre a diferença entre o que se pode esperar de uma ciência que lida com a qualidade e outra com a



sobretudo a que é composta por muitos elementos heterogêneos. Além disso, de modo geral, adaptamos os prognósticos registrados pelos antigos sobre suas configurações planetárias às configurações semelhantes atuais. No entanto as antigas só podem ser mais ou menos semelhantes às de hoje em dia, nunca idênticas, e somente ocorrem depois de um período muito longo. O retorno exato de todas as posições no céu em relação à Terra ou não ocorre de modo algum ou não se completa em um tempo perceptível ao humano, a menos que alguém tenha uma opinião vã acerca da possibilidade de apreender e conhecer as coisas inapreensíveis. Por causa disso, as predições às vezes falham devido às disparidades dos paradigmas preexistentes.<sup>51</sup>

Por um lado, sobre a investigação dos acontecimentos fortuitos do ambiente<sup>52</sup>, esta seria a única dificuldade, já que nenhuma outra causa é levada em consideração além do movimento dos corpos celestes.

---

quantidade, lembrando que a astronomia até o advento da ciência moderna tem como objeto unicamente a medição, ao contrário da astrologia, que trata da qualidade.

<sup>50</sup> A rigor, a tradução de εἰκαστικός seria “verossímil”, como se vê no *Timeu* de PLATÃO (1949, 29d), εἰκότα μῦθον, quando ele faz a distinção entre o conhecimento das matemáticas, que é perfeito e verdadeiro, já que seu objeto é perfeito e verdadeiro, em contraposição ao conhecimento do mundo sensível, cujo objeto está sempre em movimento.

<sup>51</sup> Aqui entendemos que Ptolomeu se aproxima da questão sobre o “eterno retorno”, tratada, segundo alguns comentadores, desde Heráclito e Empédocles. Esse problema notabilizou-se no *Timeu* de PLATÃO (1949, 39c-e), mas foi detidamente estudado pelos estoicos. Sobre o “eterno retorno” nos estoicos, cf. LONG & SEDLEY (1987, p. 308).

<sup>52</sup> Esses acontecimentos são fortuitos porque as posições celestes nunca retornam exatamente iguais durante uma vida humana, e é por isso que se pode dizer que os objetos da astrologia são idiossincráticos. Vale lembrar que o termo ambiente (περιέχον) aqui se refere às configurações celestes e atmosféricas, e não ao ambiente

- p. 8 Por outro lado, sobre as investigações genéticas e, de modo geral, sobre o caráter individual, é possível ver que há ocorrências que não são desprezíveis nem ocasionais, mas tornam-se, elas mesmas, concausa<sup>53</sup> da particularidade daqueles que são produzidos<sup>54</sup>. Isso se deve ao fato de que as diferenças das sementes têm muito poder quanto à singularidade da espécie, já que, tendo o mesmo ambiente e horizonte, cada uma das sementes prevalece, de modo geral, na impressão da sua própria forma, como homem, cavalo, entre outros. Os lugares de nascimento também causam transformações que não são desprezíveis naqueles que são produzidos, pois, dadas as mesmas sementes de acordo com a espécie – como as humanas – e a mesma condição do ambiente, os que nascem diferem muito nas almas e nos corpos de acordo com as diferenças regionais<sup>55</sup>. Além disso, considerando que as condições já mencionadas não sejam diferentes, ou seja, o ambiente, as sementes e os lugares de nascimento, os

---

terrestre. Só mantivemos esse termo por motivo de padronização, já que o usamos anteriormente (nota 16).

<sup>53</sup> Interessante notar que não temos aqui uma causalidade trivial. O termo em grego é συνάιτια, ou seja, concausa, uma causa que, junto com outras, concorre para determinado efeito, indicando uma diferenciação entre causas primárias e secundárias. Trata-se de um termo estoico (LONG & SEDLEY, 1987, 55 I, p. 336). Em Ptolomeu, como podemos ver, há várias causas que produzem o indivíduo, e não apenas a ação dos corpos celestes.

<sup>54</sup> Optamos por traduzir συνίστημι ( ser conectado, juntar, aliar-se por casamento, surgir, vir a ser etc), por “ser produzido”, e não “nascer”, como a maioria das traduções que encontramos, porque Ptolomeu, mais adiante (III, 1), falará sobre a possibilidade de usar a hora da concepção, em vez da hora do nascimento.

<sup>55</sup> No início do Livro II, Ptolomeu apresenta uma “etnologia astrológica”, associando características físicas e corporais dos indivíduos a certas regiões geográficas, que, por sua vez, são associadas a partes do zodíaco, planetas e estrelas.

alimentos<sup>56</sup> e os costumes também contribuem para o curso particular das vidas.

Caso não se leve em conta cada uma dessas diferenças junto com as causas que vêm do ambiente, ainda que ele tenha o maior poder (por um lado, o ambiente é uma concausa para as diferenças<sup>57</sup> serem como são; por outro, as diferenças de forma alguma são concausa do ambiente), elas [as diferenças] podem provocar muita dificuldade para aqueles que se julgam capazes, nesses casos, de diagnosticar todas as coisas somente a partir do movimento dos corpos celestes<sup>58</sup>, mesmo aquelas que não são completamente determinadas por esse movimento.

- p. 9 Estabelecidos esses argumentos, não seria conveniente dispensar a totalidade desse tipo de prognóstico só porque às vezes ele está sujeito a falhas. Igualmente, não rejeitamos a arte da navegação pelo fato de ela muitas vezes malograr. Mas, assim como nas grandes promessas<sup>59</sup>, também nas divinas convém saudar o possível e considerá-lo desejável. Nem se poderia exigir tudo dessa ciência, de modo mesquinho e humano, mas sim juntar-se a ela no amor pela

---

<sup>56</sup> O termo em grego é τροφαί, que pode ser entendido tanto quanto alimento para o corpo (no sentido de nutrição) quanto para a alma (no sentido de educação).

<sup>57</sup> As diferenças aqui mencionadas são as explicitadas no parágrafo anterior, especialmente as sementes e os lugares de nascimento.

<sup>58</sup> Aqui o termo usado é μετέωρος. Mais acima, traduzimos ουρανοί também como “corpos celestes”. Cf. nota 16.

<sup>59</sup> Promessa aqui está traduzindo επάγγελμα, de άγγελος, que subsiste em português na palavra “anjo” e quer dizer “mensageiro”. A noção de divinação em geral implica a previsão de um fato futuro, relacionando-se com o conceito de promessa. Podemos pensar, portanto, que qualquer prognóstico é uma “promessa”, talvez por isso a recorrente expressão “promessa de um mapa” usada no meio astrológico.

beleza, mesmo naquelas situações em que ela não responde tudo.<sup>60</sup> Da mesma maneira que, quando os médicos examinam alguém, não os recriminamos por falar tanto sobre a doença em si como sobre a particularidade do paciente, também nesse caso não devemos desprezar aqueles que em suas investigações sobre o ambiente levam em consideração a espécie, a região e o alimento, ou qualquer outro acidente<sup>61</sup>.

### 3. Que também é útil<sup>62</sup>

De um modo sumário, ficou-nos claro que o prognóstico por meio da astronomia é possível, e que ele só pode ir até os eventos no próprio ambiente e até as consequências para os homens a partir de tal causa.<sup>63</sup> Essas consequências diriam respeito às aptidões

---

<sup>60</sup> Interessante notar que, nesta passagem, Ptolomeu destaca o caráter estético dessa ciência como relevante na sua valoração.

<sup>61</sup> Trata-se aqui de um termo aristotélico – συμβεβηκός –, o que marca mais uma vez a filiação de Ptolomeu ao sistema de Aristóteles. Neste caso, mencionando-o *ipsis literis*, ou seja, alguém que pretenda conhecer o indivíduo como um todo deve levar em conta não somente a substância, ou essência, mas também os acidentes que o circunscrevem.

<sup>62</sup> Vale lembrar que o termo em grego aqui é *ὠφέλιμος*, que pode ser traduzido como “benéfico” ou “útil”. Ao contrário da edição crítica de Robbins, optamos aqui pelo termo “útil”, tendo em vista que a própria noção de utilidade é problematizada neste capítulo, trazendo à tona inclusive a velha discussão sobre a utilidade da filosofia, que se entende como sendo um bem em si mesmo, sem nenhuma utilidade, por exemplo, na produção de bens materiais.

<sup>63</sup> Aqui ele está definindo os limites da ação do prognóstico astrológico, que vai desde o âmbito da astrologia mundial e meteorológica (ambiente) até a astrologia genética (homem).

originárias das funções e atividades do corpo e da alma, suas afecções ocasionais (se elas duram mais ou duram menos) e também todas as coisas exteriores que têm conexão diretiva e natural com essas aptidões originárias: por um lado, em relação ao corpo, a propriedade e o casamento; por outro, em relação à alma, a honra e o status. Por fim, essas consequências diriam respeito também ao que ocorre no seu tempo oportuno.<sup>64</sup>

- p. 10 Tendo visto a possibilidade do prognóstico por meio da astronomia, restaria, conforme o proposto, fazer uma breve pesquisa sobre a sua utilidade. Primeiro, de que modo entendemos a palavra utilidade e, depois, com que finalidade a empregamos. Se temos por finalidade os bens da alma, o que seria mais proveitoso para o bem-estar, o prazer e a satisfação em geral do que esse tipo de prognóstico por meio do qual vislumbramos em conjunto as coisas humanas e divinas? Se temos por finalidade os bens do corpo, tal apreensão, mais do que tudo, reconheceria o que é familiar e apropriado para a aptidão de cada temperamento. Mas se ela não contribui para obter dinheiro, fama e coisas desse tipo, pode-se dizer o mesmo de toda a filosofia, pois ela também não produz nada disso por si mesma. Não seria justo condenar nem a filosofia nem esse tipo de prognóstico

---

<sup>64</sup> Aqui podemos perceber a organização geral do *Tetrabiblos*, partindo do mais universal ao particular, abordagem típica de Ptolomeu desde o início do livro. Depois do livro I, que trata das noções técnicas em geral, o livro II, como já dissemos em nota anterior, trata de uma “etnografia astrológica” e de meteorologia, o que hoje se costuma chamar de “astrologia mundial”. O livro III trata das aptidões originárias (o termo aristotélico equivalente seria “qualidades essenciais”), como pais, irmãos, monstros, duração da vida, qualidade da alma etc. O livro IV, por sua vez, trata das afecções ocasionais (qualidades acidentais), como fortuna material, casamento, filhos, qualidade da morte etc. Interessante notar o caráter estoico dessa escolha do que é essencial e acidental, sobretudo no que diz respeito à duração da vida (essencial) e a qualidade da morte (acidental), mas ambos, segundo nossa interpretação deste parágrafo, são passíveis de prognóstico astrológico.

por causa disso, pois negligenciariamos seus benefícios mais importantes.

- p. 11 De um modo geral, para quem examinasse bem, as pessoas que criticam essa apreensão por ser inútil revelariam que consideram não aquilo que há de mais importante, mas apenas isto: que o prognóstico daquilo que inevitavelmente acontecerá é supérfluo. No entanto fazem isso de modo muito simplório e sem discernir corretamente.

Primeiramente, por um lado, é necessário investigar que o caráter inesperado até mesmo das coisas que acontecerão por necessidade produz muito naturalmente inquietudes excessivas e alegrias extravagantes; porém o prognóstico habitua e harmoniza a alma por meio do exercício<sup>65</sup> das coisas ausentes como se estivessem presentes, e a prepara para receber com paz e tranquilidade cada uma das coisas que virão.

Em segundo lugar, não se deve julgar que cada coisa acontece aos homens por sucessão<sup>66</sup>, a partir de uma causa do alto<sup>67</sup>, como se

---

<sup>65</sup> Aqui Ptolomeu está usando um termo já consagrado no Alcebíades de Platão, μελέτη, que hoje em dia é mais conhecido na sua versão foucaultiana, “cuidado de si”. Percebemos claramente, nessa passagem, uma influência da ética estoica, que se resume assim: tendo em vista que a física estoica propõe um determinismo total, ou seja, que não dá para mudar o mundo lá fora, resta à ética adaptar-se a isso do modo mais harmônico possível, exercitando a alma para o que vai acontecer. É nesse sentido que entendemos que Ptolomeu propõe uma astrologia como cuidado de si.

<sup>66</sup> O termo παρακολουθεῖν é um conceito estoico utilizado para descrever as noções de destino e da lei da causalidade universal, por meio das quais as coisas se *sucedem* umas às outras num encadeamento necessário. Nesse caso, fica claro que Ptolomeu, no que diz respeito a um determinismo absoluto, não é estoico, já que, como mencionamos na nota 53 e continuaremos a ver a seguir, há outras causas que atuam no destino de cada pessoa. Cf. notas 31 e 53.

desde o princípio cada coisa fosse fixada por lei, para cada indivíduo, a partir de algum comando indissolúvel e divino, para que aconteça necessariamente sem que nenhuma outra causa possa interferir. Mas deve-se ter em mente, por um lado, que o movimento dos céus se realiza de acordo com um destino divino e imutável desde a eternidade; e por outro, que as transformações sobre a terra, recebendo suas primeiras causas do alto, realizam-se acidentalmente e por sucessão de acordo com o destino natural e mutável.<sup>68</sup>

- p. 12 Além do mais, há fatos que ocorrem aos homens por circunstâncias mais gerais, e não a partir da aptidão natural particular de cada um – por exemplo, quando multidões de homens morrem pela ação de queimadas, pestes ou cataclismas, que são mudanças gigantescas e inescapáveis do ambiente –, já que sempre a causa mais fraca subordina-se à mais forte e maior. Outras coisas ocorrem aos homens de acordo com a idiosincrasia natural de cada um, por meio de pequenas e fortuitas antipatias<sup>69</sup> do ambiente.

---

<sup>67</sup> É importante notar mais uma vez que a noção de causalidade em Ptolomeu é complexa. Os termos causa do alto (ἄνωθεν αἰτία), causa primeira (πρωτη αἰτία) ou primeiras causas do alto (πρωται αιτία ἄνωθεν), que serão usados na sequência, apontam para uma distinção entre causas (primária e secundária) que já vimos na noção de concausa (cf. nota 53) e que pode ter uma relação com a distinção estoica entre causa completa e causa auxiliar. Sobre a noção de causalidade nos estoicos, cf. LONG & SEDLEY (1987, 55, p. 333 em diante).

<sup>68</sup> Nessa passagem temos uma aproximação entre a noção aristotélica de acidente – συμβεβηκός – e a noção estoica de sucessão – ἐπακολουθήσις. Cf. notas 31 e 61.

<sup>69</sup> O vocábulo “antipatia” pode causar estranhamento ao leitor pouco acostumado com o discurso da ciência antiga, mas, nesse contexto, ele é um termo técnico, como já mencionamos na nota 34 sobre o sentido de “simpatia”. Para complementar essa noção, a simpatia constituía um entendimento de natureza que, por aproximar ou distanciar as coisas, dava sentido ao jogo fogo-terra-ar-água da física antiga. Por exemplo, o fogo, que é quente e seco, antipatiza com a água, que é fria e úmida; o ar, que é quente e úmido, antipatiza com a terra, que é fria e seca; no entanto o ar

Caso essas distinções sejam feitas assim, é claro que, de modo geral e em particular, os eventos cuja causa primeira é invencível e mais forte do que toda ação contrária devem acontecer completa e necessariamente. Por outro lado, dos eventos que não são assim, alguns são evitados facilmente quando encontram antipatias, enquanto outros, que não as recebem em abundância, seguem as primeiras causas naturais, mas isso parece se dar por ignorância e não necessariamente pela força dessas causas.<sup>70</sup>

Qualquer um poderia ver isso mesmo ocorrer em absolutamente todas as coisas que têm princípios naturais, pois, até dentre as pedras, as plantas e os animais – e ainda dentre os ferimentos, os infortúnios e as doenças – uns, por natureza, produzem algum efeito necessariamente, enquanto outros, apenas se não houver interferências contrárias.

Dessa forma, é necessário julgar que os físicos<sup>71</sup> predizem os eventos que ocorrem aos homens com prognósticos desse tipo, e não abordam isso utilizando opiniões vazias.

- p. 13 Por um lado, alguns eventos, por ocorrerem de causas produtivas fortes e numerosas, são inevitáveis; por outro lado, outros eventos

---

simpatiza com o fogo, porque ambos são quentes, e com a água, porque ambos são úmidos. É a simpatia entre macrocosmo e microcosmo que define essa relação preconizada pela astrologia.

<sup>70</sup> Para esclarecer melhor a noção de antipatia, podemos fazer uma analogia com a medicina, como o próprio Ptolomeu fará em seguida, pensando na função do remédio, ou de uma terapia, para tratar, curar ou evitar uma doença. Cf. AUJAC (1993, p. 75-6).

<sup>71</sup> Apesar de se tratar aqui de um tratado matemático (cf. nota 7), a abordagem da astrologia que se encontra no *Tetrabiblos* é mais física (lembrando sempre que se tratava de uma física qualitativa, baseada nos elementos fogo, terra, ar e água) do que geométrica e quantitativa. Cf. AUJAC (1993, p. 69).



podem ser modificados pelas razões opostas. Igualmente, todos aqueles médicos que são capazes de reconhecer as doenças prognosticam as que são completamente fatais e as que podem ser curadas.

Da mesma forma, sobre aqueles eventos que podem ser modificados, deve-se ouvir o astrólogo<sup>72</sup> quando ele diz – suponhamos – que tal temperamento, de acordo com tal particularidade do ambiente, caso a proporção fundamental de ambos aumente ou diminua, resulta num tal tipo de afecção. Assim também se deve ouvir o médico quando diz que tal ferimento vai se espalhar ou apodrecer, bem como se deve ouvir o mineiro, por exemplo, quando diz que o ímã atrai o ferro.

Por um lado, se cada uma dessas ocorrências for deixada por si própria devido à ignorância de possíveis antipatias, seguirá completamente o poder da primeira natureza; por outro lado, se ocorrer uma terapia preventiva, nem o ferimento se espalhará ou apodrecerá, nem, esfregado com alho, o ímã atrairá o ferro.<sup>73</sup> Essas mesmas medidas impeditivas exercem suas antipatias naturalmente e por destino. Igualmente com aqueles eventos (os que podem ser modificados); sendo ignorados ou sendo conhecidos e não ocorrendo antipatias, os eventos futuros acontecerão aos homens, seguindo completamente o encadeamento da natureza primeira. Por outro lado, sendo prognosticados e bem tratados com as devidas terapias, novamente bem de acordo com a natureza e o destino,<sup>74</sup> esses eventos não se realizam ou ocorrem mais comedidamente.

---

<sup>72</sup> A rigor, a tradução seria genetiálogo, especialista em genetiologia ou astrólogo genetiaco, já que no texto em grego a palavra é γενεθλιαλόγος.

<sup>73</sup> Esta era uma crença da época. Cf. THORNDIKE (1958, I, p. 213).

<sup>74</sup> Esta passagem lembra o argumento do preguiçoso (ἄργος λόγος): “Se é o seu destino recuperar-se dessa doença, você se recuperará, independentemente de chamar

- p. 14 De modo geral, sendo tal poder o mesmo tanto considerando as coisas em geral quanto em particular, é de se perguntar com espanto por que motivo afinal de contas todos confiam no poder do prognóstico e na sua utilidade preventiva em relação aos assuntos gerais.

A maioria concorda ser possível prognosticar sobre as estações, sobre as indicações das estrelas fixas e sobre as fases da Lua, e produzem muitas previsões<sup>75</sup> para a sua própria proteção, já que sempre pensam nos agentes resfriadores contra o verão, nos agentes aquecedores contra o inverno e, de modo geral, preparam suas próprias naturezas em vistas da moderação. Ademais, em vista da segurança das estações e das navegações, observam as indicações das estrelas fixas e, em relação aos inícios das reproduções e plantações, examinam o preenchimento das luzes da Lua<sup>76</sup>, e ninguém de forma alguma reprova esse tipo de conhecimento como impossível e inútil.

No entanto, por outro lado, sobre assuntos particulares, que são parciais e dependentes da mistura das qualidades restantes – por exemplo, maior e menor, coisas frias e quentes, e da idiossincrasia de cada um –, alguns julgam ser impossível até mesmo o prognóstico,

---

ou não um médico. Por outro lado, se é o seu destino não se recuperar dessa doença, você não se recuperará, independentemente de chamar ou não um médico. Se um ou outro é o seu destino, então não há sentido em chamar um médico.” Cf. Cícero, *De fato*, 28-30, apud LONG & SEDLEY (1987, 55 S, p. 339). Crisipo critica esse argumento dizendo que alguns eventos são simples e outros complexos. Por exemplo, o fato de Laio ter um filho chamado Édipo não pode ser independente de ele se deitar ou não com uma mulher.

<sup>75</sup> O termo πρόνοια também foi usado no Cristianismo, no sentido de providência divina. Na astrologia ptolomaica, no entanto, o sentido é de previsão para prevenção, aproximando-se da ideia de prudência.

<sup>76</sup> Ou seja, as fases da lua.

bem como tomar precauções sobre a maioria das coisas.

- p. 15 Contudo, sendo evidente que sofreremos menos calor se conseguirmos resfriar a nós mesmos contra um aquecimento geral, é claro que é possível agir de igual modo contra casos particulares que aumentem desproporcionalmente o calor de um temperamento específico.

O erro nesse tipo de assunto é causado pela dificuldade e o traço inusitado do prognóstico dos assuntos particulares, o que produz descrença em quase todas as outras situações. Já que, de modo geral, o fato de a natureza da antipatia (ato de prevenção) não se adequar ao prognóstico, por causa da raridade de uma disposição tão perfeita [do astrólogo], e já que as naturezas primeiras chegam ao fim desimpedidamente, surge a opinião de que todos os acontecimentos futuros são inevitáveis e inescapáveis.<sup>77</sup>

A meu ver, mesmo que o próprio prognóstico não seja de todo infalível, pelo menos a sua possibilidade parece ser muito digna de atenção. Do mesmo modo, em relação à ação preventiva, mesmo não sendo um remédio para todos os casos, mas somente para alguns, mesmo que poucos e de pequena importância, é recomendável apreciá-la, acolhê-la e considerá-la como um benefício que não é obra do acaso.

Tendo consciência, como parece, de que tais coisas são assim, os egípcios, que mais desenvolveram esse tipo de poder [preventivo] da técnica, adequaram completamente a medicina ao prognóstico pelo emprego da astronomia.

---

<sup>77</sup> Este trecho é muito obscuro, mas procuramos compará-lo com outras traduções para interpretá-lo melhor. Ou seja, há dois problemas concernentes ao correto prognóstico: um é a raridade de uma disposição competente do astrólogo, e o outro é a presença de obstáculos (fatos acidentais) que impedem a ocorrência da natureza primeira.

- p. 16 Se eles considerassem os eventos futuros como imutáveis ou inescapáveis, nunca teriam constituído sacrifícios apotropaicos, mecanismos de prevenção ou terapias<sup>78</sup> contra situações universais ou particulares que, a partir do ambiente, já estão dadas ou acontecem.

Em relação aos ditames do destino, os egípcios colocam em segundo lugar o poder preventivo que utiliza a ordem natural, subordinando ao poder do prognóstico a utilidade e o benefício por meio daquilo que é chamado por eles de iatromatemática<sup>79</sup>. De modo que, por um lado, pelo emprego da astronomia, chegam a conhecer as qualidades do temperamento subjacente, os acontecimentos futuros decorrentes do ambiente e as suas causas particulares. (Com a ideia de que, sem esse conhecimento, a maioria dos procedimentos de ajuda está fadada a erro, já que os mesmos procedimentos não são igualmente eficazes para todos os corpos e doenças.) Por outro lado, pelo emprego da medicina, a partir das simpatias e antipatias apropriadas a cada caso, eles prescrevem, o máximo possível, profilaxias das doenças futuras e terapias infalíveis das presentes.

O que se viu até aqui são as linhas gerais do que foi concebido previamente. A partir de agora será feito um discurso no modo de introdução<sup>80</sup>.

- p. 17 Inicialmente, será apresentada a particularidade acerca de cada um dos corpos celestes em relação à sua força produtora, de acordo com as observações da natureza feitas pelos antigos. Em primeiro lugar,

---

<sup>78</sup> A tradução italiana (PTOLOMEU, 1989) sintetizou esses termos da seguinte forma: “amuleti, talismani e rimedi”, ou seja, amuletos, talismãs e remédios.

<sup>79</sup> Astrologia médica.

<sup>80</sup> A introdução, ou *isagoge*, era um gênero literário comum no período helenístico. Trata-se de um tratado básico que apresenta sistematicamente os rudimentos de uma determinada ciência.

os poderes dos astros, do Sol e da Lua.

## Referências bibliográficas

- ARISTÓTELES. (1984). *The complete works of Aristotle*. Org. Jonathan Barnes. Princeton: Princeton University Press.
- (1985). *Ética a Nicômaco*. Trad. Mário G. Kury. Brasília: Ed. UnB.
- AUJAC, G. (1993). *Claude Ptolémée: astronome, astrologue, géographe: connaissance et représentation du monde habité*. Paris: CTHS.
- BARTON, T. (1994). *Ancient astrology*. London: Routledge.
- BOBZIEN, S. (1998). *Determinism and freedom in stoic philosophy*. New York: Oxford University Press.
- BOUCHÉ-LECLERCQ, A. (1979). *L'astrologie grecque*. Paris: Scientia Verlag Aalen. Orig.: 1899.
- CAROLINO, L.M. (2003). *Ciência, astrologia e sociedade: a teoria da influência celeste em Portugal (1593-1755)*. Porto: Calouste Gulbenkian.
- CARONE, G.R. (2008). *A cosmologia de Platão e suas dimensões éticas*. São Paulo: Loyola.
- CICERO (2004). *De la divination*. Trad. J. Kany-Turpin. Paris: Flammarion. Orig. em latim: 44 AEC.
- COSTA, M.E.A. (2005). *O sistema astrológico como modelo narrativo*. Tese de doutorado. Rio de Janeiro: Instituto de Filosofia e Ciências Sociais, Universidade Federal do Rio de Janeiro.
- CUMONT, F. (2000 [1911]). *Astrologie et religion chez les grecs et les romains*. Org. Isabelle Tassignon. Bruxelas: Brepols.
- DUHOT, J.J. (1989). *La conception stoïcienne de la causalité*. Paris: Vrin.

- ÉVORA, F.R.R. (2005). Natureza e movimento: um estudo da física e da cosmologia aristotélicas. *Cadernos de História e Filosofia da Ciência* (série 3) 15(1): 127-70.
- FERRONI, A. (2007). *Cosmologia e astrologia na obra Astronomica de Marcus Manilius*. Dissertação de mestrado. São Paulo: Pontifícia Universidade Católica.
- FURLEY, D. (1999). Cosmology. In: ALGRA, K.; BARNES, J.; MANSFELD, J. & SCHOFIELD, M. (orgs.). *The Cambridge history of Hellenistic philosophy*. Cambridge (RU): Cambridge University Press, p. 412-51.
- FOUCAULT, M. (2000). *Ditos e Escritos II. Arqueologia das ciências e história dos sistemas de pensamento*. Trad. Elisa Monteiro. Rio de Janeiro: Forense Universitária. Orig. em francês: (1994). *Dits et Écrits II – 1970-1975*.
- LONG, A.A. (1982). Astrology pro and contra. In: BARNES, J.; BRUNSCHWIG, J.; BURNYEAT, M. & SCHOFIELD, M. (orgs.). *Science and speculation*. Cambridge (RU): Cambridge University Press, p. 165-92.
- LONG, A.A. & SEDLEY, D.N. (1987). *The Hellenistic philosophers*. Cambridge (RU): Cambridge University Press.
- MACHADO, C. A. (2012). *O papel da tradução na transmissão da ciência: o caso do Tetrabiblos de Ptolomeu*. Rio de Janeiro: Mauad X.
- MARTINS, R.A. (1995). A influência de Aristóteles na obra astrológica de Ptolomeu (o *Tetrabiblos*). *Trans/Form/Ação* 18: 51-78.
- PINHEIRO, M.R. (2007). Cosmologia e divinação em Plotino. In: MACEDO, M.C. & BAUCHWITZ, O.F. (orgs.). *Estudos de neoplatonismo*. Natal: Ed. UFRN, p. 61-72.
- (2010). Determinismo, liberdade e astrologia nos estoicos. *História, Imagem e Narrativas* 10: 1-14.
- PLATÃO (1949). *Platon oeuvres complètes*. Tomo X: *Timée; Critias*. Trad. A. Rivaud. Paris: Les Belles Lettres.

- PLOTINO (1990). *Ennead II*. Trad.: A.H. Armstrong. Loeb Classical Library 441. Cambridge (MA): Harvard University Press.
- PTOLOMEU, C. (2001 [1940]). *Tetrabiblos*. Trad. F.E. Robbins. Loeb Classical Library 435. Cambridge (MA): Harvard University Press. Em português: (s/d), *Tetrabiblos*, trad. CMM & QHP [da versão inglesa de F. E. Robbins], Lisboa: Editora Sadalsuud. Em francês: PTOLEMEE (1993), *Manuel d'astrologie: la Tétrabible*, trad. A.V., Paris: Les Belles Lettres. (1986), *Tetrabiblos*, adaptação de André Barbault, Paris: Philippe Lebaud Éditeur. Em italiano: TOLOMEO (1989), *Le previsioni astrologiche (Tetrabiblos)*, trad. Simonetta Feraboli, Milano: Fondazione Lorenzo Valla/Arnoldo Mondadori Editore. Em espanhol: PTOLOMEO (1987), *Tetrabiblos: el fundamento de toda la astrología*, trad. Demetrio Santos, Madrid: Editorial Barath. Em inglês: PTOLEMY (1976 [1822]), *Tetrabiblos*, trad. J. M. Ashmand; Noth Hollywood (CA): Symbols & Signs.
- (1998). *Ptolemy's Almagest*. Org. G.J. Toomer. Princeton: Princeton University Press.
- REINHARDT, K. (1926). *Kosmos und Sympathie: neue Untersuchungen über Poseidonios*. München: C.H. Beck'sche.
- RILEY, M. (1988). Science and tradition in the *Tetrabiblos*. *Proceedings of the American Philosophical Society* 132(1): 67-84.
- (1995). Ptolemy's use of his predecessors' data. *Transactions of the American Philological Association* 125: 221-50.
- ROBBINS, F. (2001 [1940]). Introduction. In: PTOLOMEU (2001), op. cit., p. vii-xxiv.
- SEXTO EMPÍRICO. (1949). *Against the professors*. Trad. R.G. Bury. Loeb Classical Library 382. Harvard: Harvard University Press.
- TAUB, L. (1993). *Ptolemy's universe: the natural philosophical and ethical foundations of Ptolemy's Astronomy*. Chicago: Open Court.

- TESTER, J. (1996). *A history of western astrology*. Suffolk: Boydell Press.
- THORNDIKE, L. (1958). *History of magic and experimental science*. 8 vols. New York: Columbia University Press.
- (1955). The true place of astrology in the history of science. *Isis* 46: 273-78.
- THORP, J. (1982). The luminousness of the quintessence. *Phoenix* 36: 104-24.
- VON ARNIM, H. (org.) (1964 [1903]). *Stoicorum Veterum Fragmenta*. 4 vols. Stuttgart: Teubner.
- WHITE, M.J. (2003). Stoic natural philosophy (physics and cosmology). In: INWOOD, B. (org.). *The Cambridge companion to the Stoics*. Cambridge (RU): Cambridge University Press, p. 124-52.